

425

Trabalho
de 06/12

"PONTO DE INTERROGAÇÃO"

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

original de Sérgio Ithá
em dois atos.

PERSONAGENS: (pequeno retrato)

JÚLIA: 18 anos. Miuda e sem atrativos físicos. Usa óculos e cabelos pouco cuidados. Veste-se simplesmente. Tímida. Visivelmente abalada, desde a morte violenta da mãe, há um ano atrás. No momento, aos cuidados e hospede de sua única parente:

CARLA: 30 anos, sua prima. Esbelta e atraente secretária de uma firma da cidade. Prática e evoluída. Livre como o vento. Conta os "namorados" nos dedos. Vive num modesto e pouco organizado apartamento alugado, que em breve será derrubado. Mas ela, mesmo aparentemente flutuante, tem uma grande qualidade: pensa - às vezes!

VASCO: 23 anos. Deslumbrado e vagabundo. Amoral. Adora o "humor negro" e ser inconveniente com quem não está "na sua". É o novo "namorado" de Carla, pelo menos ... o mais recente e constante.

DONA OFÉLIA: 50 anos. Mulher ambígua. Ativa e orgulhosa, às vezes. Temente e simplória em muitas outras vezes. Fanática pela moral e a fé, esconde um vulcão sensual em si. Vizinha de Carla. Viuva. Seu marido, o síndico do edifício, era o homem mais perfeito do mundo - só a morte o abateu.

HÉLIO: 32 anos. Solteiro. Um homem aparentemente comum e tranquilo para a maioria das pessoas de pouca visão. Extremamente amável e delicado com todos. Possui, na verdade, uma timidez mortal. Poucos dados seus as pessoas que o conhecem conseguem guardar. Ele é, aparentemente, repito, igual a qualquer outro professor de música erudita e piano. Foi instalado num dos apartamentos do edifício em que vivem as tres personagens femininas a pouco citadas.



CENÁRIO: único para os dois atos: - Um velho edifício de apartamentos, sala-quarto do quinto e último andar. Vence uma passagem para a cozinha à direita do espectador. Outra passagem para a porta da rua, à esquerda, que como a cozinha não é visível da platéia. Uma mesa e cadeiras, à esquerda, de estilo variado. Alguns almofadões velhos. Uma eletrola. Algumas prateleiras contendo livros (pouquíssimos), revistas mal empilhadas (em abundância), um tricô por terminar, alguns enfeites baratos, uma verdadeira coleção de perucas de todos os tamanhos e cores. Paredes em péssimo estado. Alguns posters rasgados. Uma espécie de abajur pende do teto mal iluminando o ambiente. Próximo ao proscênio, à direita do público, vê-se um cortinado que divide a sala em duas peças. Uma, a própria sala. A outra, à principio não visível, é um quarto pequeno, improvisado para uma hóspede - Júlia. Neste ambiente em constante desalinho e semi obscuridade, vive Carla já há alguns anos. No momento em que a peça se inicia, Carla e Júlia estão em vias de se mudar. O edifício será posto abaixo pela prefeitura. Os últimos moradores que ainda permanecem no prédio, tem até o final da semana para desocuparem seus apartamentos.

PRÓLOGO: (totalmente no escuro) - Uma risada feminina um tanto estridente. Ao fundo um disco chiado, uma melodia sensual provinda de uma eletrola. A risada cessa de repente. O disco continua arrastado.

A VOZ: Quem está aí? É você? (CONTINUA A RIR) Por que apagou a luz? (RINOVAMENTE) O que está fazendo? Venha cá... Ven... Ven, eu não morde não! ... (TORNA A RIR) (SUBITAMENTE PARA O DISCO É O ÚNICO SOM QUE SE ESCUTA; FINALMENTE OUVEM-SE UM GRITO)

1º ATO - CENA I - A melodia cessou. As luzes da sala-quarto de Carla são acesas. Vemos Carla cantarelando qualquer coisa da moda, bem ao centro do palco. Tem um vidro de esmalte nas mãos e esboçando alguns passos de dança, procura pintar as unhas de um estonteante vermelho. Vai até a eletrola e põe um disco. Começa a dançar como louca enquanto deixa de lado as unhas por terminar e escova uma peruca loira e encara o disco.

SONOPLASTIA: Campainha. (repetidas vezes)

CARLA: Droga! (BASTANTE IRRITADA) Já vou, diabo! (VAI COM PASSOS LEVES E DISPLACENTES ATENDER A PORTA)



CENA II - Vemos entrar Dona Ofélia, sorrindo amavelmente. É visível sua irritação com a música estonteante. Traz um jornal dobrado debaixo do braço. Carla vem mais atrás, indiferente.

OFÉLIA: Estou atrapalhando alguma coisa?

CARLA: Minha ginástica corretiva, apenas... (VOLTA A DANÇAR COMO LOUCA SEM LHE DAR ATENÇÃO) Senta...

OFÉLIA: Obrigada, mas não posso demorar. Não poderia baixar um pouquinho esta música?

CARLA: (INDO PARA A ELETROLA) Sim, sim! Pronto, D. Ofélia! (DESLIGA O SOM)

OFÉLIA: (MOSTRANDO O JORNAL) Viu isto, viu?

CARLA: O que?

OFÉLIA: Olhe! (CARLA ESPIA O JORNAL) A fotografia dela... da mãe dela... (PONDO A MÃO NA BOCA ASSUSTADA) Ela está aí? (APONTANDO O QUARTO)

CARLA: Está? Aonde poderia estar. Ela não sai de casa.

OFÉLIA: (SUSSURRANDO) Será que ela me ouviu?

CARLA: Está dormindo.

OFÉLIA: Tão cedo? E com essa barulheira?

CARLA: Ela não se importa.

OFÉLIA: Coitadinha! Leia, Leia... Veja só. (A PARTIR DESSE MOMENTO AS 2 DEVERÃO USAR UM TOM BAIXO DE VOZ)

CARLA: (LENDO) "Após quase um ano de investigações a polícia ainda não conseguiu desvendar o brutal crime da Viuva Alegre..." (ENBOÇA UM SORRISO)

OFÉLIA: Você ainda ri? Que falta de respeito? Estes jornalistas são uns típicos esquecidos... Nem depois de tanto tempo, deixam a pobre mulher que Deus a tenha em paz e sossego! (CARLA PROSEGUE)

CARLA: "Há três meses atrás foram detidos dois indivíduos que haviam mantido contatos semais com a morta. Porém nenhuma culpa foi atribuída por enquanto. O verdadeiro assassino, que golpeou cinco vezes na nuca Monteiro pelas costas com um objeto pontiagudo, ainda está à solta. Como já foi dito, a vítima não manteve relações sexuais com nenhum dos suspeitos do crime, apesar de ter sido encontrada completamente nua."

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CARLA: (D. OFÉLIA SE VOLTA REFUJADA)... e totalmente alcoolizada". (LARGA O JORNAL NAS MÃOS DE D. OFÉLIA)

OFÉLIA: Eu li a respeito desses dois homens. Um deles, era...deixe lembrar... um chofer de taxi, isto... e o outro, um marinheiro, um rapazinho... credo!

CARLA: Tia Carmen aproveitou bem a vida... não resta dúvida!

OFÉLIA: Quem vive em pecado, morre por ele!

CARLA: Ai! Sai vrá lá, dona Ofélia!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

OFÉLIA: Não quis ofender a memória da coitada, mas... que ela vivia em pecado, vivia! E o pecado é amigo do diabo!(BENZE-SE POSSESSA)

CARLA: (IRRITADA) Era só isso, D. Ofélia?

OFÉLIA: (DESARMADA) Bem... era só isso... Por que? Está me mandando embora? Ficou ofendida comigo, Carla, querida?

CARLA: Acho melhor a senhora sumir com esse jornal. A Júlia pode ver!

OFÉLIA: É tem razão. Claro, claro. Nem pensar. Como devia adorar a mãe... Mesmo ela sendo uma mulherzinha à toa.

CARLA: A senhora ainda vai morder a língua e cair morta!

OFÉLIA: Não me provoque, Carla!!! Eu sou pacífica até certo ponto!

CARLA: A poste minha cabeça!

OFÉLIA: O que quis dizer há pouco, é que, os filhos gostam sempre dos pais... Mesmo que eles não tenham uma conduta exemplar... Os pais são tudo na vida... depois deles só os maridos da gente...

CARLA: Estou emocionada, quase às lágrimas, D. Ofélia!

OFÉLIA: (FAZENDO-SE DE DESINTENDIDA) Preocupo-me com você, Carla. Vive sozinha...

CARLA: A senhora está esquecendo a Júlia.

OFÉLIA: Claro, mas o que quero dizer é que você poderia ser ainda melhor... mais... como não iria dizer?...

CARLA: Mais "decente" a senhora : : : dizer?

OFÉLIA: Não quero que pareça uma crítica...

CARLA: Bem pensaria nisso!



OFÉLIA: Mas é que a pobrezinha (OFERIEDO-SE A ALGUÉM N O QUARTO) morando aqui com você... Acas terá uma boa orientação? Você é um tipo de moça que, quero dizer... é livre... livre demais. Não que eu a esteja condenando, mas esta casa mais parece uma pensão para (NUM GRITO) rapazes! ..

CARLA: Não continue sua coruja velha! Sou a única parente que a Júlia tem no mundo e gosto dela e vou ficar com ela... A senhora é uma velha e feia tarântula pronta para morder o primeiro que aparece e vem dizer a mim que sou livre demais...

OFÉLIA: (OFENDIDÍSSIMA) Isso não é maneira de falar comigo. Eu sou uma senhora. Uma pobre (ENXUGA UMA FAISA LÁGRIMA)...pobre viúva.

CARLA: Uma viúva negra. (D.OFÉLIA TEM UM SOBRESSAITO DE INDIGNAÇÃO) Apesar de meus dois veitos como a senhora mesma acabou com o infeliz do seu marido. Apertinho tanto a vida dele que o otário empacotou!

OFÉLIA: Deus vai castigar você! Nunca vi tanta falta de caridade para com os mais velhos.

CARLA: Numa coisa concordamos. A senhora é uma velha. Velha por fora e por dentro. Uma múmia de museu!

OFÉLIA: Deus tarda mas castiga! Castigou a mãe de Júlia...pobre..."Viúva Negra". Antes negra que viúva alegre como era a mãe dela! Quanta podridão! Você é igual a ela. Fia e sobrinha se merecem.

CARLA: Até já, "irmã"!

OFÉLIA: Desaforada! (SAI FURIOSA,) DEIXANDO TALVEZ POR DESCUIDO O JORNAL SOBRE UM MÓVEL QUALQUER)

CENA III- Carla liga a eletrola novamente. Acende um cigarro e reconhece sua "sala de ginástica". Júlia aparece parcialmente, espiando pela cortina do quarto. Veste uma camisola de pelúcia nada atraente e tem o cabelo amarrado para trás. Carla após alguns minutos, nota a presença de Júlia. Baixa o volume da eletrola.

CARLA: Desculpe. Acordei você?

JULIA: Não. (CAMINHA ALGUNS PASS 3)

CARLA: Perdes e sono?

JULIA: Ia beber um copo de leite na cozinha. (NÃO SE MOVE)



CARLA: O que foi, Julia?

JULIA: Nada...

CARLA: Estava aí há muito tempo?

JULIA: Não... eu acordei agora.

CARLA: Foi a música que acordou você, desculpe... eu quando estou enlevada esqueço de tudo. A música me transporta para mares nunca dantes navegados!

JULIA: (QUASE PATÉTICA) A música não me perturba nem um pouco. Mãe também gostava de música... os vizinhos no princípio até reclamavam... mas ela ficava tocando os velhos discos até altas horas da noite, sempre os mesmos, sempre os mesmos discos... (SENTA-SE UM TANTO ABATIDA; CARLA ABRÇA-A POR DETRÁS DA CADEIRA)

CARLA: Eu adoro música, viver com música, dormir com música...

JULIA: (COM OS OLHOS PARADOS) Música... sempre que ela ligava aquela eletrola eu já sabia que teria de... (INTERROMPE-SE)

CARLA: Você o que?

JULIA: Eu ia deitar, ficava em meu quarto... (CARLA SE DESLOCA PARA O OUTRO LADO DA SAIA, PREPARANDO-SE PARA FALAR ALGO IMPORTANTE)

CARLA: Julia, você nos ouviu discutindo?

JULIA: (NUM SOBRESSAITO) Quem estava aqui?

CARLA: D. Ofélia...então, não ouviu? Não estava escutando? (JULIA PÕE OS OLHOS SOBRE O JORNAL MAIS ADIANTE SOBRE UM MÓVEL)

JULIA: Não, já disse! (CARLA PEGA UM TRICOT)

CARLA: D. Ofélia é muito boa pessoa, mas às vezes se torna uma chata, uma cobra linguaruda! (MUDANDO) Mas é boa. Afinal, é a única vizinha que temos agora ainda morando aqui neste sacréfigo de cinco andares! Não vejo a hora de dar o fora disto aqui! (JULIA A ESTE TEMPO JÁ TEM O JORNAL NAS MÃOS, TRÊMULA; CARLA TRICOTA FURIOSAMENTE). Acho que fui meio grosseira com ela. Ah! Sei lá... Ela pediu para levar o dela... (DÁ-SE CONTA DE JULIA COM O JORNAL E CORRE PARA ELA) Julia, Julia? Não é de hoje. É velho. D. Ofélia esquece (CARLA SEI) Droga de velha, tinha que largar este lixo por aqui. (ARRANCA O JORNAL DAS MÃOS DE JULIA JOGANDO-O NUMA LIXEIRA)

Teatro de Arena

Av. Borges de Medeiros, 835

Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



JULIA: É de hoje, tá vi a data.

(2)

CARIA: Está bom é de hoje.

JULIA: Mamãe era boa... eu gostava dela.

CARIA: Eu sei, querida. Eu sei. Vamos esquecer este jornal, tá?

CENA IV - Carla vai até o quarto. Fora de cena ouve-se sua voz.

VOZ CARIA: Vou mostrar uma coisa para você... (JULIA NÃO TIRA OS OLHOS DA LIXEIRA E LENTAMENTE SE ENCAMINHA PARA ELA. É INTERROMPIDA POR CARIA QUE ENTRA COM UM VESTIDO VERMELHO NAS MÃOS)

CARIA: Gosta? Que tal experimentar?

JULIA: (QUASE APAVORADA) Não!

CARIA: Julia, não custa nada, vamos lá! Tire essa panaria e pule para dentro desse vestido já.

JULIA: Não me obrigue, Carla. Eu não gosto.

CARIA: Tá bom! Em mim fica um "barato doidíssimo", você não acha? (PÕE DIANTE DO CORPO)

JULIA: É...

CARIA: Eu amo vermelho!

JULIA: Por que temos de ir embora daqui?

CARIA: Como é?

JULIA: Eu não quero me mudar daqui, Carla. (ABRAÇA-A) Não quero!

CARIA: Julia, meu anjo, o edifício até o fim da semana tem de ser desocupado. Até o fim do mês vai ser demolido. É bom mesmo! Está caindo aos pedaços! Mesmo, estamos precisando de um apartamento maior. Com um quarto pelo menos, para você.

JULIA: (ASSUSTADA) NÃO! Eu não quero quarto para mim... eu quero ficar com você.

CARIA: Mas nós vamos ficar juntas. Eu na sala e você no quarto, como na sua casa... (PARA SI) Merda! Falei demais... Não vai ser ótimo?



JULIA: Não quero sair daqui. Estamos bem aqui. Você não vai me deixar sozinha, vai, Carla?

CARLA: Não, Julia, não. Afinal não somos amigas, primas...?

JULIA: Eu sei... mas você pode achar que eu estou atrapalhando em alguma coisa. (ACEN TUA BEM AS ULTIMAS PALAVRAS)

CARLA: Que idéia! Você não me atrapalha em nada, Julia. Sabe, às vezes me dá arrepios quando penso que estamos sozinhas aqui no quinto andar e temos somente D. Ofélia, no primeiro.

JULIA: Mas não estamos sozinhas...

CARLA: Estamos sim, ué! Nós três...

JULIA: Somos quatro aqui, Carla.

CARLA: Nós três... e quem?... o Espírito Santo?

JULIA: Vi luz na janela do quarto andar.

CARLA: Julia, é no primeiro andar que D. Ofélia mora!

JULIA: Eu sei o que vi, Carla. Tinha luz na janela do quarto andar. Uma luz fraquinha, mas tinha luz lá... eu vi.

CARLA: Julia, que bobagem! (VAI ESPIAR NOS FUNDOS DO CENÁRIO, PEIA CORTINA DO FUNDO) Não vi nada! (NUM QUASE GRITO) Já sei, sua boba! D. Ofélia, como era esposa do síndico... o falecido... ficou com as chaves dos apartamentos. Ela deve ter ido lá para... fazer sei lá o que... Os apartamentos estão vazios. (FICA EM DÚVIDA POR MOMENTOS. A CAMPAINHA TOCA.)

CENA V

CARLA: Deve ser D. Ofélia. Veio tentar a reconciliação... Ela não aguenta ficar de mal por muito tempo comigo!... Nem eu com ela! (JULIA CORRE PARA O QUARTO. CARLA VAI PARA A PORTA) Julia? Tem certeza que ouviu a campainha? Não tem ninguém lá fora... Julia? Aonde está você?

VASCO: (surgindo POR DETRÁS DE CARLA) Uaaaaaaaaaaaaaauh!

CARLA: (NUM VERDADEIRO SUSTO) Ai! Vasco, seu palhaço! Bestalhão! Detesto que me façam de bobal (BEIJAM-SE)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



VASCO: Drácula em pessoa! Se assustou mesmo ou é frescura? ④

CARLA: Frescura foi o que você fez! (VASCO ABRANÇA CARLA COM FORÇA, BEIJA-A NO PESCOÇO) Para! Olhe a Julia... Julia?

VASCO: Aonde se escondeu a nossa virgem enlouquecida?

CARLA: Para com isso, Vasco! (PARA O LADO DE QUARTO) Julia?! (PARA VASCO) Ela tem medo de você. (PARA O QUARTO) Julia! É o Vasco!

VASCO: Pode sair da toca!

CARLA: Vasco!

VASCO: Ela já sabe que nós...

CARLA: Claro. Ela sabe... já falei em você. Julia! Vem cá, é o Vasco, o meu noivo! (VASCO EXPLODE NUMA GARGALHADA) Prá ela você é meu noivo!

VASCO: Esta menina tem sérios problemas, hem? Você não ensinou nada para ela?

CARLA: Ela é diferente, Vasco! Eu disse para você. Ela é ... ah! sei eu! Ela não gosta de falar em sexo, tem medo de homem.

VASCO: Deste mal você não sofre, não é? (DÁ-LH EUM TAPA N O TRASEIRO)

CARLA: Vasco, estou avisando... me respeite! Ao menos enquanto Julia estiver por perto! É outra coisa, não faça nenhuma das suas brincadeiras engraçadinhas com ela. Há um ano ela perdeu a mãe daquele jeito. Ela tem medo de tudo. (JULIA APARECE)

VASCO: Oi! (JULIA RESPONDE COM A CABEÇA)

CARLA: Julia, este é o Vasco. Aquele dia ele esteve aqui e você não estava disposta... nem deu para vocês se conhecerem.

JULIA: (N UM SUSSURRO) Posso ir até a cozinha?

CARLA: Pode, claro. Olha, querida, você não se importaria de preparar dois uisques para a gente?

JULIA: Sim... claro, mas... eh já vou... (VAI ATÉ A COZINHA)

CENA V

VASCO: Pombas! Mas ela é um saco! Um desastre!

CARLA: Você é um mal educado, Vasco!

VASCO: Escuta, nós vamos ter que aturar esta biruta toda vez que estiver -
nos aqui?



CARLA: Julia é minha única responsabilidade. E você vai se portar direito com ela.

JULIA: (DA COZINHA) Carla!

CARLA: O que foi?

JULIA: Eu não sei como fazer com os copos... (QUASE EM LÁGRIMAS)... não en-
contro a garrafa... o gelo...

CARLA: A garrafa está em cima da mesa, os cubos de gelo na geladeira e os
copos devem estar dentro do panelão de macarronada, que eu lavei
hoje. (PAUSA. VASCO RI) Achou?

JULIA: (APÓS UMA LONGA PAUSA E ALGUMAS PANEIAS DERRUBADAS) Sim... mas...
eu não sei servir...

VASCO: Ela nasceu ontem?

CARLA: Ela nunca bebeu, só isso! (PARA JULIA) Coloque nos copos dois ded-
dos de uísque e dois cubos de gelo.

VASCO: Três dedos de uísque pro garanhão aqui.

CARLA: Três dedos pro Vasco. (PARA VASCO) Julia detesta cheiro de uísque

VASCO: Aposto que a mãe dela tinha uma adega em casa.

CARLA: (ADVERTINDO) Vasco!

VASCO: Tá bom, tá bom! Não falo mais!... E daí?

CARLA: Daí o que?

VASCO: Acharam o cara?

CARLA: De que cara você está falando, Vasco? Ficou doído?

VASCO: O cara que apagou a mãe dela! Pombas! (BARULHO DE COPOS)

CARLA: Pala baixo! Não, o sujeito deixou algumas impressões digitais pela
sala... mas não era fichado e, mesmo haviam tantas outras impres-
sões pela casa que...

VASCO: É, a filhinha não puxou a mãe. Que pixinhona!

CARLA: Tia Carmem ficou meio biruta depois que o marido morreu. Julia ti-
nha só seis anos. Aí começou a convidar amigos do marido dela para
jantar, depois eram outros amigos...

VASCO: Sei! (RI UM POUCO) E era boa?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CARLA: Vasco! Ela está morta, né?!

VASCO: E daí? Era gostosa?

CARLA: Tia Carmem foi uma mulher bonita. Mas quando ganhava a Julia, já tinha trinta e dois anos.

VASCO: Deixa ver. (CONTA NOS DEDOS) Cinquenta anos?! E badalava ainda, daquele jeito?

CARLA: Ela se sentia só... não sei.

VASCO: É a arma do crime?

CARLA: Sumiu. A polícia disse que não era uma faca comum... Credo! Me dá arrepios... Vamos mudar de assunto?... E Julia que não volta da cozinha?

VASCO: (NUM SALTO) Espere aí. E o cara não passou a mão em nada mais?

CARLA: Não...isto é ...levou mais uma coisa, Julia me disse, Uma fotografia que estava... em cima de uma mesinha... era uma fotografia de la, com tranças... ela ainda usava tranças. Tinha uns dezesseis anos...

VASCO: Que tocante! Um assassino romântico! Novela da Globo!

CARLA: Julia? (ESPERA PELA RESPOSTA) Será que ela ouviu?

VASCO: Tá uma boa pergunta?... onde andava a menininha inocente nessas alturas?

CARLA: Julia? (PAUSA) Tia Carmem foi encontrada no outro dia de manhã pelos vizinhos que viram a porta aberta. Era um domingo. Julia estava no quarto...

VASCO: E não ouviu nada? É surda também, além de míope.

CARLA: Eu não sei direito. Acho que Julia tem o sono muito pesado... Nem sei como consegue dormir com o toca-discos a todo volume... Julia? (VOITANDO) Aí vem ela.

CENA VI- Julia traz as bebidas numa bandeja. Vem trêmula e vagarosamente

CARLA: Boa menina! (PEGANDO OS COPOS) Não quer um pouco? (PAZ QUE NÃO)

VASCO: Por que você não tira os óculos?

CARLA: Eu vou ver se consigo me levantar de repente para ela não é...



VASCO: Quero ver como voce é sem óculos.

JULIA: Não enxergo sem eles. (SEN TA-SE - PAUSA CONSTRANGEDORA)

VASCO: Vamos sair hoje?

CARIA: Hoje não, Vasco. Eu tenho umas coisas para fazer.

VASCO: Já pesquei. Você vai sair com aquele veado do Jorge...

CARIA: Que Jorge? Que veado? Olha aqui, Vasco, cena de ciúmes prá cima de mim, não!

VASCO: Ué, mas então? A gente não é noivo? (CONTENDO O RISO)

CARIA: (SERIA) Claro, a gente é, não é, Vasco!? (JULIA OLHA-OS SÉRIA)

VASCO: Sai comigo então?

CARIA: Não! Hoje não posso!

VASCO: Tá bom, sem grilos!(JULIA SE ERGUE E VAI ATE CARIA)

JULIA: Posso ir para o quarto, não estou me sentindo bem...

CARIA: Você já perdeu o sono... fica um pouco aqui, com a gente...

JULIA: (NUM SUSSURRO) Quando ele for embora.

CARIA: Por que, Julia?

VASCO: (LEVANTANDO-SE) Ache que sobrei. Tres é demais num divã de analista.

CARIA: A gente se vê amanhã...(ATIRA-LHE UM BELJO) Ah, Vasco!

VASCO: (NA PORTA) Mudou de idéia?

CARIA: Não...(CORRE PARA ELE) Amanhã venha as oito horas...antes de D Ofélia fechar a porta do edifício.

VASCO: Tá bom. Pontualidade britânica! (SAI)

CENA VII - Carla volta da porta com um leve olhar de censura à Julia.

JULIA: Não me olhe assim...

CARIA: (SORRINDO) Esqueça...

JULIA: Você ia sair com ele?

CARIA: Não, hoje não.

JULIA: Eu estou atrapalhando, não é?



CARLA: Não, nunca. Tira isso da cabeça, Julia!

JULIA: Carla... eu queria saber uma coisa. Você me diz?

CARLA: Minha idade você já sabe, o resto você pode perguntar à vontade!

JULIA: Ele ... é... seu noivo, mesmo?

CARLA: (SURPRESA) É. Não parece?

JULIA: Sim...mas você tinha outro.

CARLA: Tinha?

JULIA: No mes passado.

CARLA: Tinha? Tinha mesmo...mas não era noivo...era namorado...amigo...
era alguma coisa parecida com isso.

JULIA: (NÃO CONVENCIDA) Ah! Quando vim morar com você, tinha outro.

CARLA: Outro? Não lembro. (MUDANDO) Julia você andava me espiando?

JULIA: Não. Ele era preto, eu vi por acaso...

CARLA: Por acaso?

JULIA: Carla, quantos namorados você já teve?

CARLA: (EMBARAÇADA) Pouquíssimos! Você sabe, não sou muito entusiasmada
com essas coisas...

JULIA: O que vai acontecer amanhã às oito horas?

CARLA: Vasco vem aqui.

JULIA: Você não mente prá mim, não é?

CARLA: Claro que não! Você sabe tudo sobre mim...(PARA SI) ou não sabe?

JULIA: Vocês... (BAIXA A CABEÇA) ;;. você e ele...?

CARLA: (BEM HUMORADA) O que você quer saber afinal? Desembucha criatura!
(EXPERIMENTA ALGUMAS PERUCAS)

JULIA: Eu não quero saber nada...

CARLA: Você quer saber se a gente transa? Que bobagem, Julia! Que coisa
estúpida! Louca! Claro que sim.

JULIA: Para, Carla, para!! Eu não quero ouvir...não quero! Não acredito
nisso! É mentira!

CARLA: Mas Julia, pensa bem. Acha que eu estou com o Vasco para quê? Pa-
ra ler os Salmos de Davi?



CARLA: E com os outros.

CARLA: Esqueça os outros... que coisa!

JULIA: Você fica nua para fazer aquilo?

CARLA: Claro! Você queria que eu vestisse um hábito de monja, aberto na frente e atrás para ventilar?

JULIA: (DESCONTROLADA) Eu não sei! Isso é tão...tão...horrível!

CARLA: Horrível nada! É bom que doi!

JULIA: (QUASE HISTERICA) É sujo!

CARLA: Sujo? Por que Julia?

JULIA: Todos pensam nisso... todos pensam nessa sujeira... Aquelas risi-
nhos, aquela música... (POSSESSA) Mamãe abra a porta!!

CENA VIII - AS LUZES SE APAGAM

JULIA: (GRITA) Carla! Carla! Aonde está você?

CARLA: Julia! Estou aqui... você quase me mata de susto. Sempre acontece isso. Às vezes de noite, às vezes durante o dia... Você sabe! É a "queda de corrente", a D. Ofélia disse.

JULIA: Carla... risque um fósforo, acenda uma luz, por favor!

CARLA: Julia, calma! Calma!... eu vou ver se encontro alguma vela na co-
zinha. (OUVE-SE UM BARULHO DE MÓVEL CAÍDO) Merda! Não poderia vi-
ver no escuro! Adoro a luz! Gosto de fazer tudo no claro! Até o
que os pais da gente faziam no escuro!

JULIA: Aonde está você, Carla...?

CARLA: Tentando achar a porta da cozinha... Fique aí!

JULIA: Carla... (QUASE NUM GRITO) É você? (CAI NUM PRANTO CONVULSIVO)

CARLA: (DE LONGE) Eu ... o que?

CENA IX - AS LUZES VOLTAM

CARLA: Graças a Deus! Julia?

JULIA: (EMBAIXO DA MESA) Alguém me tocou ali... Acho que era uma almofa-
da.

CARLA: Claro! E o que mais poderia ser?

(11)
Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA X



OFELIA: (SURGINDO NA PORTA) Pode-se entrar? (PAISAMENTE MAGOADA? ANSIOSA PARA FAZER AS PAZES COM CARLA)

CARLA: (FAZENDO SEU JOGO) Já entrou.

OFELIA: Outra queda de corrente. É a terceira hoje. Estava vendo televisão e aí decidi ver se vocês... (MUDANDO) Você deixa sua porta aberta desse jeito?

CARLA: (FRIA) Acho que esqueci...

OFELIA: Que perigo... a essa hora! Eu me tranco a sete chaves! Um ladrão ou um degenerado pode atacar mulheres sozinhas...

CARLA: Jogo meu dedo como a senhora não corre perigo, D.Ofélia, de espere alguma!

OFELIA: Não comece, Carla! Eu vim com toda a boa intenção de conversar com você... (OFENDIDA) Aliás, eu não sei se estou sendo inoportuna... (PARA BRUSCAMENTE AO VER JULIA EM BAIXO DA MESA) O que ela está fazendo ali?

CARLA: Julia me falava... nós... Ela estava me contando uma piada.

OFELIA: Debaixo da mesa? Deve ter sido uma piada muito engraçada! (SORRI CARLA EXPLODE NUMA GARGALHADA. D.OFELIA RI TAMBÉM E DESCONTROLA-SE DANDO TAPAS NA BARRIGA E A RIR SEM PARAR. JULIA SE ERGUE DE ONDE ESTÁ E CORRE PARA O QUARTO)

CARLA: Julia?

OFELIA: Fiz alguma coisa errada?

CARLA: Julia está nervosa.

OFELIA: Nervosa? No seu tempo chamavam isso de loucura! Bem, eu vou indo. Tem certeza se ela está bem?

CARLA: Está... foi a queda de corrente que assustou Julia, não se preocupe.

OFELIA: Bem... então (PARA NA PORTA) Não está zangada comigo?

CARLA: Não! Deixa disso, D.Ofélia! (LEMBRANDO-SE E MUDANDO DE TOM) Ah! Espere um pouco...



OFELIA: Quer ajuda para amanhã a noite? Eu tenho o dia livre... ☺

CARLA: Não, não, obrigado... se precisar aviso a senhora... (PAUSA. D. OFÉLIA FICA A ESPERA) Quem está morando no quarto andar?

OFELIA: (ASSUSTADA, PEGA DE SURPRESA) Como disse?

CARLA: Julia viu luz no quarto andar.

OFELIA: Viu? Mas é claro que viu... Eu não havia lhe contado, Carla, querida?

CARLA: Não... a senhora esqueceu.

OFELIA: Esqueci. (ALIVIADA) Imagine!

CARLA: Estou esperando, D. Ofélia!

OFELIA: Esperando o que, querida?

CARLA: Uma explicação! O que essa pessoa está fazendo aqui em baixo no quarto andar?

OFELIA: É nosso vizinho .. por uns tempos... alguns dias...

CARLA: Como assim? Com o edifício prestes a ser demolido? Temos licença da prefeitura até o fim da semana para ficar aqui!

OFELIA: Pois é um pouco difícil de explicar...

CARLA: (COM AR DE QUEM JÁ ENTENDEU ALGO) Tente!

OFELIA: Ele é, parece que é professor. Está de passagem na cidade e perguntou se aqui alugávamos apartamentos, por um preço baixo. Você sabe, ele deve estar sem dinheiro... acho que anda desempregado.. Coitado! Parece tão boa pessoa... e eu não resisti... fiquei com pena dele...

CARLA: E alugou um dos apartamentos para ele... quanta humanidade da sua parte...

OFELIA: Oh! Não... achei que deveria...

CARLA: Alugar um apartamento que não é seu, D. Ofélia?

OFELIA: (OFEN DIDA, HEROICA) Acho que agi muito corretamente. Afinal, ele não estaria incomodando ninguém. É um bom homem... Além do mais, é católico. E eu jamais deixaria um irmão de fé ficar sem ter onde dormir.



OFELIA: Não aluguei! Jamais poderia fazer isso... (PAUSA. SORRI) em -
prestui. Ele só ficará até o fim de semana...

OFELIA: Tu não aluguei! Jamais poderia fazer isso... (PAUSA. SORRI) em -
prestui. Ele só ficará até o fim de semana...

CARLA: (COM AR DE DEBOCHE) E a gente nem conhece o cara. E se for daque-
les professores tarados que assaltam menininhas?

OFELIA: Cruzes! Ele não seria capaz...

CARLA: Nem acharia aqui nesse edifício nenhuma menininha para agarrar.
Ou achava?

OFELIA: (SERIA) Claro que não... Somos mulheres adultas e sabemos nos de-
fender.

CARLA: Adultas? Bem, eu posso me considerar adulta... mas a senhora já é
outra história. Qual o tarado que vai querer essa peça pré-histó-
rica?

OFELIA: (IRRITADA) Vou fingir que não ouvi nada! (CARLA RI MUITO) Em no-
me da nossa boa amizade. Por falar nisso, acho de bom tom tra-
zer o nosso vizinho até aqui para que vocês duas o conheçam. (VAI
SAINDO) Já volto. Que horas são?

CARLA: Não sei... acho que quase nãove... eu detesto relógios.

OFELIA: Não é tarde demais para visitas?

CARLA: Não, podem vir. Espero que ele não seja muito chato...

OFELIA: É um encanto! Muito simpático e simpatizou logo comigo...

CARLA: Então deve ser um chato mesmo! (D. OFELIA SAI)

OFELIA: (FORA DE CENA) Pré-histórica!!!

CENA XI - CARLA VAI PARA A COZINHA. POUCOS MINUTOS DEPOIS, JULIA APARECE
POR DETRÁS DA CORTINA DO QUARTO. OUVI. OLHA PARA TODOS OS LADOS. CAMINHA
ATÉ O CENTRO DA SALA. OUVI RUIDOS NA COZINHA. ACAIMA-SE. RUMOR DE CON-
VÉRSA E UMA VOZ MASCULINA. CORRE DE VOLTA PARA DETRÁS DA CORTINA.

CENA XII - ENTREM D. OFELIA E LOGO DEPOIS HÉLIO.

OFELIA: Entra! Entra!

HÉLIO: Tem certeza de que não vou incomodar?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90070-025



OFELIA: Claro que não! E tão bom não estarmos sozinhas neste edifício.

HELIO: Acho melhor voltar outra hora.

CARIA: (SURGINDO DA COZINHA) Oi!

HELIO: Boa noite!

OFELIA: Esta é a Carla, a mais velha. (SALIENTA AS DUAS ÚLTIMAS PALAVRAS, COM INTENÇÃO) Este é o professor...

HELIO: Me chame de Hélio, senho...senhorita?

CARIA: Graças a Deus! Mas... sente, por favor!

HELIO: Obrigado, não devo demorar. (OLHA EM VOLTA, PARECE PROCURAR ALGO)

CARIA: Desculpe a bagunça. Estamos meio de mudança...

HELIO: Não se preocupe.

CARIA: Fale de você.

HELIO: Bem, não há muito que dizer. Nada que possa interessá-la...minha vida, meu trabalho...são como...

OFELIA: Ele é professor. Adivinhe de quê, querida?

CARIA: Se for de educação sexual caio dura prá trás!

HELIO: (SORRI AMARELO) Sou professor de música. Leciono piano também.

CARIA: Sabe que você tem cara disso mesmo? Imagine eu sou secretária.... Quem diria!

OFELIA: (PARA SI) Acho que tem todo o tipo daquelas sinhas que sentam no colo dos patrões!

CARIA: O que foi, D.Ofélia?

OFELIA: Pensei um pouco alto!

CARIA: Não vá engasgar-se com seus pensamentos. Vou ver se Julia está acordada?

OFELIA: Ela está bem, Carla?

CARIA: Acho que sim! (SAI PARA O QUARTO)



HELIO: O que houve com a outra moça? (SEM TERAR OS OLHOS DO LUGAR POR ONDE DE CARLA DESAPARECEU)

OPHELIA: Bem, é um pouco difícil de diger... O senhor talvez não tenha sabido pelos jornais. Foi coisa de quase um ano atrás...mas continua sem solução. A menina está ainda muito abalada. Ela perdeu a mãe... (MISTERIOSA)...assassinada...cinco machaladas nas costas. Coisa horrível...Que Deus a tenha, apesar de seus pecados. (HELIO SE ERGUE E CAMINHA UM POUCO. D.OPHELIA NÃO PERCEBE) O pior de tudo é que o assassino, um dos namoradinhos dela, ainda está solto por aí. Que perigo o senhor não acha? (HELIO SAIU DA SAIA) Professor? Que homem maluco! Me deixou aqui falando sozinho! Professor?

CENA XIV.- AS LUZES SE APAGAM DEVIDO A NOVA QUEDA DE CORRENTE.

OPHELIA: Meu Deus! Car... Julia! As luzes! Aonde encontro velas nessa casa?

CARIA: (DE LONGE) No banco da cozinha, atrás da batenteira! (PARA JULIA) Julia! Julia, o que você está fazendo aí atrás do armário? Venha para cá...

OPHELIA: Não encontro!

CARIA: (DE LONGE) Tente dentro da forma de pudim! (PAUSA) Achou? (PARA JULIA) Julia saia daí!

OPHELIA: Achei... e os defeitos?

CARIA: Em cima do fogão! (PAUSA) Julia!!

OPHELIA: (VEM COM A VELA DA COZINHA) Meu marido entendia de eletrecidade.. Alguém deveria dar um jeito nessas instalações... (A VELA ILUMINA O ROSTO DE HELIO PARADO A SUA FRENTE; ELA CRITA

HELIO: (APÓS BREVE PAUSA) Sou eu!

OPHELIA: Eu sei...Graças a Deus! Isto é, graças a Deus que é o senhor... (AS LUZES VOLTAM) Fui ouvida! Que susto o senhor me pregou!

HELIO: Desculpe! Eu me lembrei de um remédio para os nervos...nao forte, um relaxante...para a moça! Está aqui. (MOSTRA)

OPHELIA: Acho que vou tomar um depois desta...!



CENA XV- CARLA REAPARECE COM JULIA. PRA TESTE UM CASO ^{DE} ~~DE~~ POR CIMA DA CAMISOLA.

CARLA: Bem, esta é a Julia e este o Hélio, o nosso vizinho misterioso!

HELIO: (ESTRANHAMENTE EMBEVECIDO) Muito prazer!

JULIA: Desculpem, eu já estava pronta para dormir...por isso eu não apareci antes. (AR DE APROVAÇÃO DE CARLA)

HELIO: Tem razão. Já é tarde! Eu vou indo!

CARLA: Que nada, fica!

HELIO: Não, eu realmente tenho que fazer algumas coisas ainda. Boa noite.

OPELIA: Eu também vou. Tenho um dia cheio amanhã! (SAEM. HELIO AINDA COM - SEGUE LANÇAR UM OLHO A JULIA)

CENA XVI

CARLA: Aposto como esta velha ainda dá os seus pinotes!

JULIA: O que quer dizer?

CARLA: Acho que ela ainda gosta de um festinha com um cara. A beatice de la nunca me enganou. E ele não é nada mau... (JULIA ERGUE OS OLHOS PARA CARLA, UM OLHO AR ESTRANHO INDEFINIVEL) Bem vá dormir...eu..

JULIA: Você não vem?

CARLA: Vou lavar a louça do jantar.

JULIA: Eu já lavei a louça!

CARLA: Já é? Obrigada.

JULIA: Não vem, Carla? É que estou com medo. Venha...

CARLA: Eu vou ler um pouco.

JULIA: O que você vai fazer, Carla? Por que está mentindo para mim?

CARLA: Ai, larga o meu pé! De verdade! Vá dormir!

JULIA: (EM PRANTOS) Desculpe, Carla!

CARLA: Julia! (ARREPENDENDO-SE) Não fique zangada comigo, tá? Eu não demoro. Se sentir medo, me chama!

JULIA: (SORRI) Está bem!

CARLA: Boa noite!

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



(2)

JULIA: Boa noite, mamãe! (CARLA ACENDE UM CIGARRO, PEGA NA ESTANTE UM LIVRO PARA LER, GUARDA O TRICOT, SUBITAMENTE PARA.)

CARIA: (ATÔNITA) Mãe?? (DÁ DE OMBROS E SORRI, RECOSTA-SE NAS ALMOFADAS, RECOBE O CABELO ENQUANTO LÊ UM DE SEUS LIVROS FAVORITOS, "XAVIERA", a AMIGADINHA FELIZ) Droga, esqueci de avisar o professor de amanhã à noite. (DÁ DE OMBROS) Aviso de manhã. (LEVANTA-SE, COLOCA O LIVRO NA MESA, DESPE-SE E COLOCA UMA CAMISOLA QUE RAPIDAMENTE ENCONTRA NO QUARTO, PEGA O LIVRO E LÊ UM POUCO.) Tá! nessa posição eu nunca me atrevi a fazer! (CONTINUA A LER)

VOZ JULIA: Carla!

CARIA: O que é?

VOZ JULIA: Está aí?

CARIA: Em pessoa.

VOZ JULIA: Boa noite.

CARIA: Boa noite.

VOZ JULIA: (APÓS BREVE PAUSA) Não tranque a porta.

CARIA: O quê? Você ainda não dormiu?

VOZ JULIA: Não... por favor não tranque a porta... do quarto

CARIA: Quarto, Julia? E nós temos quarto com porta para trancar?

VOZ JULIA: Venha dormir...

CENA XVII - RUÍDO POR DETRÁS DA CENA; SILÊNCIO. NOVO RUÍDO. CARLA PERCEBE LEVANTA-SE

CARIA: Julia? É você? Dormiu! Finalmente. (NOVO RUÍDO) É a porta... (VAI ATÉ ELA. DESAPARECE POR INSTANTES E VOLTA BATENDO A PORTA, ARFANTE) Julia Julia!... (CARLA ESTÁ COM AS CHAVES NA MÃO)

JULIA: (APARECE) O que foi? O que você tem?

CARIA: (OLHA PARA A PORTA) Nada. Fui ver se a porta estava bem fechada. Só isso, desculpe... (JULIA VAI SE RETIRAR) Espere... eu mudei de ideia... Vou dormir também. (OLHA NOVAMENTE PARA A PORTA, ASSUSTADA) Vai ser ótimo quando nos mudarmos daqui!

(FIM)



III ATO

CENA - D. OFELIA SERVE os SAIGADINHOS, SOBRINDO MUITO. ESTÁ VISIVELMENTE ENTUSIASMADA COM A COMEMORAÇÃO. CARLA DANÇA AO SOM DE UMA MUSICA DA MODA, COM UM COPO DE UISQUE NA MÃO. HELIO ESTÁ SENTADO NUMA ESPÉCIE DE DIVÃ COM AIMOFADÕES. PARECE DESCONFORTÁVEL. BEBE MUITO DEVAGAR O SEU DRINQUE. JULIA SE MANTÉM SENTADA, MAIS AFASTADA, ATRÁS DA MESA, BEBENDO UM REFRIGERANTE. TODOS OS PERSONAGENS ESTÃO RAZOAVEMENTE BEM VESTIDOS, COMO QUE PARA UM ACONTECIMENTO SOCIAL IMPORTANTE.

CARIA: Não está bebendo, Hélio!

HELIO: Não sou muito de bebida...

OFELIA: E faz bem. Bebida é vício, álcool é vício.

CARIA: E vício é pecado!

OFELIA: Carla, querida, para uma pessoa como você nada parece ser pecado!

CARIA: E não é mesmo. Pecado é o que a senhora tem na cabeça! E como não devem estar pulando e fervendo louquinhos para sair.

OFELIA: O que?

CARIA: Seus pecadinhos, meu bem.

OFELIA: Sabe o que eu acho, Carla? Você é imoral, sem escrúpulos e um mau exemplo para Julia.

CARIA: E a senhora é uma verdadeira e desesperada MAL COMIDA.

OFELIA: Ah, não liguem para o que ela diz! Está embriagada. (DESLOCA-SE PARA UM CANTO AMUADA)

CARIA: Julia, vamos beber um pouce! Você faz 19 anos à meia-noite...

JULIA: Não... não gosto!

OFELIA: Deixe de tranviar a menina sua diaba indecente! Meu falecido marido sempre dizia, "o pior pecador não é o que comete faltas, mas sim o que induz os outros a cometê-las". (REJUBILA-SE COM A FRASE. MUDA, FURIOSA) Meu marido era um homem quase santo. Uma coisa que ele abominava eram pervertidos! Ele contudo sempre foi um homem pacífico. Mas um dia ele perdeu a cabeça... Deus do

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

OFELIA: ^{céu}... e quase matou um... um daqueles indecentes veadinhos vestidos de mulher, que tentava aborjá-lo em plena rua... Eu não teria a mesma calma e condescendência que ele teve... matava a pauladas um degenerado desses!

HELIO: (APÓS UM GOLE) Qual o seu conceito de degeneração?

OFELIA: O meu? Tudo aquilo que Deus não permite.

HELIO: A senhora conversou com Deus a esse respeito?

OFELIA: Não... bem... Sim, de certa forma, sim. Em oração!

HELIO: E o que Deus lhe disse?

CARIA: Mandou-a para a "santa que a pariu", possivelmente!

HELIO: Não! Falando sério, D.Ofélia. A senhora realmente acredita em tudo o que diz?

OFELIA: (TRANQUILA) Pimenta.

HELIO: A senhora deve ser feliz, tem algo em que acreditar...

OFELIA: (NÃO MUITO CERTA) É... tem razão.

CARIA: Você não tem, Hélio? Não acredita em nada?

HELIO: Se acredito, não sei... creio que perdi esta capacidade.

CARIA: Pois eu acredito até na Mulher Maravilha. Gostaria de ser ela.

HELIO: Nunca acreditei em super heróis, ou qualquer outro tipo de herói. Compreendo cada vez mais que para nós todos, a capacidade de crer em alguma coisa parece estar se extinguindo.

CARIA: (UM POUCO SÉRIA) Acha mesmo tudo isso?

HELIO: Desculpe. Ache que não é um bom motivo para conversa...
mais numa comemoração assim.

CARIA: Que nada! Fale o que tiver vontade!

OFELIA: O senhor me parece muito amargurado, professor!

HELIO: Não entendo as pessoas... e que querem? O que são realmente? Você se conhece, Carla? E a senhora? (AS DUAS SE OLHAM) E eu? Me conheço? Sei quem sou ou posso ter uma idéia do que realmen-



HELIO: ...te sou? Digam o que sabem de mim?

(24)

OFELIA: Sinto-me confusa...

CARIA: O senhor é professor. Simpático, delicado e... inteligente... É o que sei... que mais?! Ah, deve ser alguns anos mais velho quequês... Deixa ver...

HELIO: Trinta e dois anos, quase trinta e três.

CARIA: Dois aninhos mais velho que eu.

OFELIA: Eu confesse que estou um pouco perdida no assunto. O que vê cês...?

CARIA: Não se preocupe, D. Ofélia. Ele não vai pedir para ver o seu registro de nascimento.

OFELIA: Ora, tem graça!

HELIO: Como veem, vocês não me conhecem. Não sabem quem sou eu. E estamos aqui, juntos na mesma casa, bebendo, rindo talvez... E este é o ponto. Não posso dizer o que sou, como vocês também não podem. Não posso realmente supor o que vocês são em seus momentos de solidão, de embriaguês, de loucura até... O que são atrás de suas máscaras? Não consigo mais me sentir seguro entre pessoas... não consigo estender mais a mão sem temer a befetada. (PARA E UM TANTO DESAJEITADO, BAIXA A CABEÇA)

CARIA: Eu procuro conhecer as pessoas e gosto delas. De muitas delas

HELIO: Você conhece o que quer conhecer e gosta do que precisa gostar para continuar viva!

OFELIA: (IRRITADA) Escutem, verdadeiros hipócritas! Falsos profetas! Falsos católicos! Os comunistas! Eu os conheço!!!

HELIO: E se essas pessoas tem um lado não muito agradável, Não tão perfeito, não tão bonito... você ainda quer conhecê-las? Quer amá-las? Quer ao menos ajudá-las? Não! Você prefere usar sua máscara e implorar e esperar que as pessoas continuem com as próprias máscaras coladas ao rosto... e que ninguém... ninguém arranque a sua! (CAMPAINHA) Desculpem eu... me expedi.



CARLA: Que nada! Apenas a minha cabeça está girando um pouco... (25)

OFELIA: Meu marido conhecia as pessoas... e me dizia que não era fácil...
(CAMPAINHA) ... lidar com elas.

CARLA: Deve ser e...

OFELIA: Está esperando alguém?

CARLA: Claro! O Vasco. Mas acho que ele não vem mais...

OFELIA: Vasco? Que Vasco? O único que conheço é o Vasco da Gama... aquele que se meteu com umas índias... uma pouca vergonha da história. (CAMPAINHA. CARLA VAI ATENDER, MAS PARA)

CARLA: Poderia atender para mim, D. Ofélia?

OFELIA: A dona da casa é você. (VAI ATÉ A PORTA)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CENA II - D. OFELIA VOLTA ENIGMÁTICA.

OFELIA: Não há ninguém lá fora. (CARLA SE LEVANTA E CAMINHA UM POUCO)
Algun engraçadinho... Carla? Você está me ouvindo? O que faço?
Deixe a porta aberta? Fechado? Acho melhor dar uma olhada no corredor. As vezes entram aqueles piás para mijar nas escadas.

CARLA: Não! (MUDANDO) Julia... vá até a cozinha e me traga uns guardanapos.

JULIA: Sim. (HELIO ACOMPANHA COM O OLHAR A SAÍDA DE JULIA)

CARLA: A senhora tem certeza que não tem ninguém no corredor?

OFELIA: Não sou cega, nem surda! Veria alguma coisa ou ouviria alguns passos na escada, certamente!

CARLA: Ontem havia.

HELIO: Como?

OFELIA: Explique-se criatura!

CARLA: Ontem havia alguém no corredor. Parecia estar mexendo na porta... eu acho que vi alguém descer as escadas correndo.

OFELIA: Era um homem?



CARLA: Não sei! Estava escuro...

(26)

HELIO: Que horas eram?

CARLA: Era quase meia-noite.

OFELIA: As portas do edifício estavam já trancadas...Eu mesma as tranquei, como sempre. Tem certeza? Não será imaginação sua?

CARLA: Claro que não, D,Ofelia. Não fiquei louca ainda!

OFELIA: Bem, eu vou dar uma olhada lá em baixo. É sempre bom verificar se as portas do edifício estão bem fechadas...

HELIO: Ache melhor ir com a senhora!

CARLA: Também ache.

OFELIA: Olhe, depois que meu marido morreu tive que me ajeitar sozinha seu praticamente o homem da casa e o síndico do edifício!

CARLA: Tem toda a vocação!

HELIO: A senhora tem certeza que não precisa de companhia?

CARLA: Ela gosta de emoções fortes! (D.OFELIA SAI QUASE VIOLENTAMENTE, BASTANTE CONTRARIADA COM AS PIADAS DE CARLA)

CENA III - HELIO E CARLA VOLTAM A SENTAR.

HELIO: Parece nervosa...

CARLA: Eu? (RI) Estou é um pouco tonta!

HELIO: (OLHANDO PARA O COPO AINDA PELA METADE) Não estou acostumado a beber.

CARLA: Posso ver isso. Que tal mais um pouco?

HELIO: Aceite. (CARLA SERVE HELIO COM UMA JOVIALIDADE ESTARRECEDORA. POR SEGUNDOS PARECE UMA ADOLESCENTE. EIA APROXIMA-SE DELE E LHE ENTREGA O COPO. QUANDO HELIO TOCA NO COPO, CARLA DISPARÇADAMENTE SEGURA SUA MÃO. É O MOMENTO EM QUE JULIA ENTRA DEVA - GAR A TEMPO DE VÊ-LOS QUASE DE MÃOS DADAS. JULIA TEM UNS GUAR - DANAPÓS NAS MÃOS E OS DEIXA CAIR. OS DOIS, À PRINCÍPIO, NÃO NO -



(27)

TAM SUA PRESENÇA. HELIO ESTÁ SEM JEITO, DESCONCERTADO. CARLA
LARGA O COPO UM TANTO DIVERTIDA.)

CARLA: (PARA JULIA QUE JUNTA OS GUARDANAPOS PERTURBADA) Julia, con-
seguiu encontrar os guardanapos? Quer ajuda?

JULIA: (SENTIDA) Não.

CENA IV - D.OFELIA GRITA FORA DE CENA.

CARLA: Meu Deus! É D.Ofélia! (HELIO CORRE PARA A PORTA COM CARLA E
DESAPARECEM POR INSTANTES. JULIA FICA PARALISADA; SEUS OLHOS
FITAM O COPO QUE HELIO DEIXOU SOBRE A MESA. APROXIMA-SE DELE,
TOCA-O. TEM UM GESTO DE REPULSA E LIMPA A MÃO NO VESTIDO CO-
MO SE TOCASSE EM ALGO IMUNDO.)

CENA V - D.OFELIA É TRAZIDA SEMI-DESMAIADA. É RECOSTADA NAS ALMOFADAS
POR CARLA E HELIO.

CARLA: Julia... traz um copo d'água com açúcar.

HELIO: (COM OS OLHOS FIXOS EM JULIA) Depressa, por favor! (JULIA COR-
RE PARA A COZINHA)

CARLA: D.Ofélia...

OFELIA: Sim?

HELIO: O que aconteceu?

OFELIA: Um homem me agarrou no corredor...

CARLA: Que glória! Após tantos anos, heim D.Ofélia?! Agarrada por um
homem!

OFELIA: Não diga isso... eu pensei que ia morrer...aquele calor no meu
pescoço...(ERGUE-SE) ele me agarrou... ele falava...ele dizia
umas coisas horríveis...ele dizia...ele falava em matar. Matar
alguém...(OUVESE UM RUÍDO QUE DEVE VIR DA PORTA. D.OFELIA SO-
BRESSAITA-SE)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CENA VI - APARECE VASCO COM UM SORRISO MALDOSO E DIVERTIDO.

28

OFELIA: Foi... foi ele! EIE!!!! Ele me agarrou...

VASCO: (EXPLODE NUMA GARGALHADA) Nunca senti tanta pelanca dependura da. Perdão, minha senhora, pensei que fosse a Carla.

OFELIA: Carla? Você conhece esse tipo?

CARIA: (SORRI AMARELO) É o Vasco. (REVIRANDO OS OLHOS) Meu noivo!

OFELIA: Noivo? Deve ter a metade da sua idade e estereço na cabeça para fazer o que fez!

VASCO: (BEIJANDO-A NA MÃO) Encantado, vovó!

OFELIA: (APÓS UM OLHAR) Deus me perdoe!

CARIA: Vasco! Você e suas simpáticas brincadeiras! ... Como entrou no edifício depois das oito? Pode começar a explicar!

VASCO: (TIRA UMA CHAVE DO BOLSO E A MOSTRA A CARIA) Conhece essa?

OFELIA: (LEVANTA-SE TRIUNFANTE) Você deu a chave do edifício, do nosso edifício, a este delinquente juvenil?!

CARIA: Vasco... diga a D.Ofélia como conseguiu esta chave! Eu juro que não dei nenhuma a você...juro! (ATRAPALHADAMENTE PROCURA ACHAR UMA SAIDA PARA A SITUAÇÃO)

VASCO: (AJOELHA-SE) Eu a roubei, e fiz algumas cópias!

OFELIA: Algumas cópias? Que quer dizer com isso?

VASCO: Eu distribuí algumas entre o pessoal da turma...

OFELIA: Não quero ouvir mais!

CARIA: É mais uma de suas piadas, D.Ofélia, não ligue. Ele não está falando sério.

OFELIA: É difícil saber quando um sujeitinho à toa como esse, está falando à sério ou dizendo piadas! Me admira você, Carla, metida com um fedelho desses. (JÁ NA PORTA) Boa noite para todos. Para mim, por hoje chegou... (SAI OFENDIDÍSSIMA)



CENA VII - VASCO E CARIA NÃO CONSEGUEM CONTER O RISO LOGO APÓS A SAÍDA DE D. OFELIA.

CARIA: Não se preocupem, ela sempre volta. Vasco, você é louco total! Cumprimente o Hélio.

VASCO: (APERTEA-LHE A MÃO) Tudo legal?

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

HELIO: (POUCO SIMPÁTICO) Tudo bem?

CARIA: E agora, a Julia... ela faz 19 anos à meia-noite...

VASCO: (BEIJA-A NO ROSTO. ELA SE RETRAI) Dezenove aninhos, heim, e nada?

CARIA: Nada e quê?

VASCO: Nada, nada? Carla você devia dar umas aulas para ela... você começou cedo...

CARIA: (DESCONCERTADA) Vasco! Você bebe o que?

VASCO: Algo corrosivo! (CARLA SERVE UM DRINQUE PARA VASCO, DEPOIS JUNTA-SE À JULIA E SE AFASTAM LENTAMENTE PARA O FUNDO DA CENA. PARECEM CONVERSAR SOBRE ROUPA OU BELEZA FEMININA. JULIA SOBRI SEM MUITA VIDA ENQUANTO CARIA FAZ ENORMES GESTICULAÇÕES PARA EXPLICAR-SE. OS DOIS HOMENS FICAM UM POUCO SEM JEITO. VASCO ESPICHA-SE NUM DIVÃ.

CARIA: (CONSULTANDO O RELÓGIO) Quase meia-noite... Vasco, vem comigo até a cozinha... (JULIA OLHA FIXAMENTE OS DOIS COMO SE ALGUMA COISA PARECESSE ERRADA)

CENA VIII - JULIA E HELIO SÓS.

HELIO: Como se sente com quase dezenove anos?

JULIA: (FRIA) Como qualquer pessoa da minha idade.

HELIO: (ATENTAMENTE) Quer voltar o rosto um pouco para mim?

JULIA: Como? Não entendi.

HELIO: Vire o rosto, por favor.



JULIA: (TIMIDAMENTE) Assim?

(30)

HELIO: Tire os óculos agora, por um momento... se não se importa.

JULIA: (DESCONFIADA, SUAVE) Para que? (TIRA OS ÓCULOS)

HELIO: (TEM UM MOMENTO DE SILENCIO COMPLETO, OLHA FIXAMENTE PARA JULIA. ESTA COMEÇA A SE ENCOLHER INSTINTIVAMENTE.) O que foi?

JULIA: (RECOLOCANDO OS ÓCULOS) Não me olhe assim... Não gosto!

HELIO: Desculpa.

CENA IX - ENTRA D. OFÉLIA UM POUCO PÁLIDA. TEM ALGO ESCONDIDO ATRÁS DAS COSTAS. CAMINHA UM TANTO SEM JEITO ATÉ O CENTRO DA SALA.

OFÉLIA: Aonde está a Carla?

HELIO: Na cozinha.

OFÉLIA: (PARA DENTRO) Carla... está ocupada?

CARLA: (RIANDO) Mais eu mesma... (PARA VASCO) Para, Vasco! (RISADAS) O que é, D. Ofélia?

OFÉLIA: Quero falar com você... (COM INTENÇÃO)... a sós, um instante. (VASCO APARECE E PASSA POR D. OFÉLIA COM AR DE DEBOCHE E VAI SE ESPARRAMAR NAS ALMOFADAS. D. OFÉLIA VAI ATÉ A COZINHA SEM OLHAR NO ROSTO.)

VASCO: Atrapalhei alguma coisa?

HELIO: (ERGUENDO-SE) Não!

VASCO: Ele não vai muito com a minha cara, não é? (JULIA NÃO RESPONDE) A Carla me disse que você é professor de música... aulas particulares?

HELIO: Sim.

VASCO: Qual a sua preferência? Meninhas ou meninões?

HELIO: Alunas, somente!

VASCO: Sei!

HELIO: (VISIVELMENTE IRRITADO) E o senhor o que faz?



VASCO: Curto!

HELIO: Como?

VASCO: Curto a vida.

HELIO: (FRIO) Ah!

VASCO: Sabe que você tem um tipe estranho?

HELIO: Não compreendi...

VASCO: Sei lá... um jeito de veado enrustido.

HELIO: (AGARRANDO-O PELO PESCOÇO TOTALMENTE DESCONTROLADO) Tipos co
mo você não deviam existir...

VASCO: (TENTANDO ESCAPAR) Ei! Espere aí... (HELIO O LARGA E SE AFAS-
TA) Parece que não agradei muito! (RI DESCONCERTADO. ENTRAM
D.OFELIA E CARIA. CARIA TEM ALGO NAS MÃOS E ESCONDE INSTINTI
VAMENTE DENTRO DO VESTIDO, JUNTO AO SEIO.)

CARIA: Aconteceu alguma coisa?

VASCO: Quase... (VAI ABRÇA-LA. D.OFELIA SE AFASTA) O que é isso aí?
(TOCANDO-LHE O SEIO)

CARIA: Nada... (TENTANDO AFASTAR VASCO) Deixa disso, Vasco. (VASCO
PUXA A FOTO, MAL ESCONDIDA NO VESTIDO)

VASCO: (APÓS UM MOMENTO DE SILÊNCIO GERAL E ANGUSTIANTE) É uma... é
ela? (APONTANDO JULIA)

CARIA: Vasco, me dê essa foto! (JULIA CORRE PARA O QUARTO)

VASCO: Mas é ela sim... não reconheci de cara... ah! só faltam os ócu
los!

OFELIA: O senhor quer devolver esta fotografia?

CARIA: Vasco... (QUASE SUSSURRANDO) Essa foto, D.Ofélia encontrou no
corredor, quando desceu...

VASCO: E daí?

CARIA: Esta foto foi roubada na noite que a mãe de Julia foi... essas

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CARIA: ...sinada! Agora quer me dar essa droga de foto?

52

VASCO: (DIVERTE-SE MUITO) A prova nº 1 de crime da Viúva Alegre...
(OLHANDO A TODOS) O assassino está por perto...

CARIA: (ESCONDENDO A FOTO NUM LIVRO NA ESTANTE) Amanhã leve para a polícia... sei lá! Não quero pensar nisso hoje...

OFELIA: Sim, claro, pode ter as impressões "digitivas" do assassino!

VASCO: Digitais, senhora detetive!

OFELIA: Ora, cale essa boca pia!

CARIA: Agora, por favor, D. Ofélia, traga o bolo da cozinha. Vamos esquecer tudo... Eu fale com a Julia... já é mais de meia-noite... E Vasco... se você fizer mais uma eu corro com você porta fora

VASCO: Jure que fico quieto... como um santo! (CARIA SAI PARA O QUARTO E OFELIA PARA A COZINHA)

CENA X

VASCO: (PARA HELIO QUE ESTÁ DE COSTAS PRÓXIMO A ESTANTE ONDE CARIA ESCONDEU A FOTO) Nervoso, companheiro?

HELIO: (VOLTANDO-SE) Nem um pouco!

CENA XI - CARIA VOLTA COM JULIA, D. OFELIA ENTRA SOLENEMENTE COM O BOLO E 19 VELINHAS ACESAS. TODOS CANTAM O "PARABÉNS A VOCÊ" TRADICIONAL D. OFELIA OPERA A FACA PARA JULIA CORTAR O BOLO. JULIA TRÊMULA TENTA SEGURAR A FACA E DEIXA-A CAIR.)

JULIA: Carla quero ir para o quarto... por favor...

CARIA: Está bem... vamos... (SAEM AS DUAS)

OFELIA: Eu vou levar o bolo para a cozinha... Parece que não deu sorte.

CENA XII - AS LUZES SE APAGAM.

OFELIA: (DA COZINHA) Ou tra vez!

VASCO: Socorro! Ai que escurdão! O professor quer me agarrar!



OFELIA: (MAIS PRÓXIMA COM UMA VELA) Ora, cale a boca seu fedelho!... Não sei o que a Carla viu num frangote que ainda fas pipi nas calças...

VASCO: Tem quem goste,... "madame"! Não quer dar uma provadinha?

OFELIA: Na minha idade, meu caro, só quero provar belos de aniversário... Antes só que mal acompanhada... pouca vergonha!

VASCO: Tem razão. Quem é que ia se afundar num emontado de peianças...

OFELIA: Eu seria capaz de matá-lo, atrevido! Carla? Como está Julia?

CARIA: (DE DENTRO) Ela está bem... (PARA JULIA) Não tenha medo, eu estou aqui.

CENA XIII - AS LUZES VOLTAM. CARLA VOLTA. D.OFELIA APAGA A VELA COM FURIA.

OFELIA: Julia está bem?

CARIA: Agora está.

OFELIA: Bem, eu vou indo.

CARIA: Quanto a você Vasco, não quero vê-lo nunca mais na minha vida! Vá dando o fera!

VASCO: Tá legal! (PARA) Nunca mais?

CARIA: Amanhã ligo prá você de escritório... agora...

VASCO: (BELJA-A) Boa noite irmãs! (JÁ ESTÁ NA PORTA QUANDO CARLA CORRE PARA ELE)

CARIA: Vasco, você agora vai me dizer uma coisa, sem brincadeiras!! Ontem de noite... você esteve aqui?

VASCO: Claro... você não lembra?

CARIA: Não é isso! Quere dizer depois, mais tarde... você andava no corredor... queria me dar um suste, Não é?

VASCO: Quem sabe? Tente adivinhar até amanhã... Tchau! (SAI)

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CARIA: Vasco! Vasco!

OFELIA: Leviana! Carla você não parece adulta às vezes. Como foi dar uma chave de nosso edifício...

CARIA: D. Ofélia, eu já estou farta dessa história... eu sei bem o que a senhora pensa de mim.

OFELIA: Pense? Tenha certeza!

CARIA: A senhora sempre acha que eu não deveria tomar conta da Julia, Sou um mau exemplo, não é? Tudo o que faço é errado!

OFELIA: Não se exalte! Ou vou acabar perdendo a paciência!

CARIA: A senhora é uma mulher frustrada!

OFELIA: E você é igual a sua tia... é! D. Carmen Monteiro! Vagabunda como ela! Que pena eu sinto de você, Carla!

CARIA: Que pena eu sinto da senhora, D. Ofélia... uma reprimida, louca para sair dando por aí e não tem coragem...

OFELIA: Eu vou embora! O senhor vem, professor?

CARIA: (PARA HELIO) Por favor, fique mais um pouco. Não estou com sono e acho que deveríamos conversar...

HELIO: Está bem...

OFELIA: (COM INTENÇÃO) Boa noite a ambos! (SAI FURIOSA)

CENA XIV - CARLA SERVE DRINKS PARA ELA E HELIO.

CARIA: Desculpe essa confusão toda... D. Ofélia é assim mesmo. Vasco é uma criança. Julia não anda nada bem e eu sou biruta mesmo, como dá para notar... Será que sou anormal?

HELIO: Somos todos anormais, Carla. Somos! Vivemos em situações anormais, repressivas... vivemos em cubículos fechados... em nossos próprios quartos e apartamentos... e mundo é hostil... muito hostil.

CARIA: Mas não precisa ser assim. Eu luto. Eu grito. Eu esperneio. Eu não me entrego fácil...



HELIO: Os outros são mais fortes...

35

CARIA: Eu posso ser forte...

HELIO: Você então está sezinha num mundo que não aceita você...nem Julia, nem a mim...

CARIA: Julia...ela é tão indefesa, sabe? Eu não sei como tratar com ela...às vezes. Ela e eu moramos há quase um ano aqui e ela nunca se trocou de roupa na minha frente. Ela se tranca no banheiro... e eu, como você deve saber, não ligo para isso! Quando saio para ir ao escritório, ela me enche de perguntas...se eu vou... se vou mesmo, aonde vou...se não estou mentindo para ela. Eu não sei...ela foi tão reprimida, tão isolada do mundo desde que nasceu. O pai dela era um cara bacana, mas meio ignorante. A mãe, Tia Carmen, e ele criaram Julia cheia de preconceitos, de mentiras sobre sexo. Julia nunca conversou com os pais sobre isso...Quando ele morreu, o pai de Julia, tia Carmen enveredou para tudo que não podia fazer com o marido.. Mas Julia nunca soube de nada...nunca! Tia Carmen tinha boa intenção com Julia. Não queria que ela soubesse da vida que a mãe levava...mas tia Carmen também fez das suas...Há uns tempos atrás...ela me fez brigar com um cara que eu gostava muito. Ache que foi o único que gostei...a gente ia viver junto! Sinto ódio dela, naquela época...e nunca vou esquecer aquilo. Eu era louca por ele, depois a gente brigueu...começou a se estranhar e acabou de vez...

HELIO: O que ela fez?

CARIA: Dormia com ele, quase na minha cara! Mas não uma vez só. Várias. E eu naquele tempo ligava pra fidelidade, esses treços todos. Eu quase morri de ódio...Julia não sabe disso...mas eu sei e me lembro bem...Deixa pra lá...Isse passou! (OLHA PARA O QUARTO)

HELIO: O que foi?

CARIA: (LEVANTANDO-SE) Vou ver se ela está dormindo. (VOLTA) Está!!
(COLOCA UM DISCO NA ELETROIA)



HELIO: Você vai entregar aquela fotografia à polícia?

CARIA: Vou... (OLHA-O) Por que?

HELIO: Por nada. Deve...

CARIA: Helio...eu sou muito...sei lá...muito franca...não gosto de voltas...para dizer alguma coisa...

HELIO: Diga então...

CARIA: Quere ir até o seu apartamento. (OLHANDO NA DIREÇÃO DO QUARTO)
Aqui não dá, você compreende...

HELIO: Carla...seria melhor...não...

CARIA: Está me dando um fero?

HELIO: Não.

CARIA: Podemos ir? (APROXIMA-SE DELE E O BELJA NA BOCA)

HELIO: (TRÊMULO) Sim...se você quiser...e o Vasco?

CARIA: Vasco? Amanhã ligo para ele...

HELIO: Você pode se arrepender...eu...quero dizer, eu...tenho medo que alguma coisa aconteça, eu...e você não compreende...

CARIA: Há quanto tempo você não vê uma mulher?

HELIO: Há quase um ano... (INTERROMPE-SE) Nada, esqueça...

CARIA: Você me espera...Eu desço logo... (ELE SE LEVANTA E SAI LENTAMENTE) Já vou...

CENA XV - JULIA APARECE.

JULIA: Aonde você vai, Carla?

CARIA: Eu?

JULIA: Você vai a algum lugar?

CARIA: Não!

JULIA: Vai sim...ele estava aqui agora...é com ele que você vai?

CARIA: Não... isto é, sim! Vamos conversar lá em baixo para você poder



CARIA: dormir!

37

JULIA: Não minta mais, Caria. Não minta para mim! (ABRAÇA-SE NEIA)

CARIA: Eu não estou mentindo...

JULIA: Não me deixe sozinha de novo...

CARIA: Eu já volte...juro...

JULIA: Não!!!

CARIA: Pare de bancar a orfãzinha, Julia. Você tem dezenove anos feitos. Eu estou cansada! Estou a fim de descer e você vai ficar aí deitinha, dormindo...(SAI APRESSADA)

JULIA: Caria! Caria! Não me deixe sozinha...não me deixe...(JULIA VAI ATÉ A ELETROLA E PEGA UM DISCO ANTIGO. A MESMA MUSICA QUE D.CARMEM OUVIA QUANDO FOI MORTA) Mãe...fique comigo, fique! (JULIA PEGA O TRICÔ DE CARIA E COMEÇA A DESMANCHÁ-LO CAINMAMENTE)

CARIA: (ENTRA ASSUSTADA,SEMI VESTIDA) Julia...ele me disse...ele...e professor...ele estava lá...naquela noite...quando sua mãe. ele...ele me mostrou uma coisa...uma coisa horrível...a espátula...que matou a eu a mãe...Julia...ele me disse coisas horríveis...(JULIA RECUA ASSUSTADA AINDA COM O TRICÔ DESFEITO NA MÃO)

JULIA: Não! (TAPAN DO OS OLEOS) Não chegue perto de mim...

CARIA: Julia, por favor...venha cá! (JULIA CORRE PARA A PORTA E DESAPARECE. AS LUZES SE APAGAM E SÓ SE OUVI A MÚSICA NA ELETROLA, A ANTIGA MUSICA DE TIA CARMEM) Foi você que apagou a luz? Julia...ele não pede nos encontrar, venha para cá, comigo...fique junto de mim...a porta ficou aberta...Julia...fique junto de mim...Quem apagou a luz? Julia...venha cá...É você? É você Julia? (GRITO DE CARIA, LOGO EM SEGUIDA DIVERSOS RUÍDOS DE UM CORPO ARRASTADO E VÁRIOS OBJETOS E CADEIRAS CAIDAS)



CENA XVI- HELIO LIGA AS LUZES.O PAISO ESTÁ VAZIO.CAMINHA PARA SALA E FINALMENTE ENCONTRA JULIA ENCOINHADA PERTO DA ESTANTE,ATERRORISADA.

HELIO CAMINHA PARA ELA, OLHOS PARADOS. JULIA TEM UM SOBRESSAITO .
RECUA PARA A DIREITA PRÓXIMA A ELETROLA. HELIO CAMINHA PARA A MESA
À ESQUERDA. PARA FRENTE A ELA. ESTENDENDO A MÃO VAGAROSAMENTE ERGUE
O RETRATO DE JULIA. MOSTRA-O A MOÇA.

HELIO: (IN DO PARA JULIA) Um bonito retrato! O seu retrato. Eu e ha
via perdido entem a noite quando descia as escadas e sua pri
ma Carla quase me surpreendeu. (TIRANDO DO BOISO DO CASACQUMA
ESPÁTULA DE AÇO) E isso? Você se lembra disso?

JULIA: Não se aproxime...

HELIO: Não tenha medo. Basta me dizer onde está Carla? Precise fa -
lar com ela...

JULIA: Carla? Ela está no quarto...dormindo.

HELIO: Dormindo? Tem certeza?

JULIA: Vá embora...vá embora...

HELIO: Não antes de dizer algumas coisas sobre ela...

JULIA: Não...não quero ouvir.

HELIO: Ela havia saído daqui há pouco...

JULIA: Eu não lembro. Não sabia que ela tinha saído.

HELIO: Você não sabia mesmo? Não sabia que ela descera até o meu a-
partamento? Talvez o melhor você não saiba. O motivo pelo
qual ela desceu. Você faz uma idéia!?

JULIA: Não, não!!!

HELIO: Ela queria que eu dormisse com ela...

JULIA: Não quero ouvir!

HELIO: Mas precisa, precisa ouvir...Sua mãe queria e mesmo que ela
naquela noite quente de dezembro, há quase um ano atrás. Você
não se lembra? Você não ouviu nada? Não viu nada?

JULIA: (APAVORADA) Não! Vá embora! Eu griteo...griteo por socorro...
alguém vai me ouvir...

Teatro de Arena
Av. Borges de Medeiros, 835
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



39

HELIO: (PATÉTICO) Alguma vez riram de você? Alguma vez alguém riu na sua cara? Ou você não sabe o que significa alguém rir de você? Você riria de uma piada? Riria? Ou talvez você prefira rir de alguém que é também uma piada. Uma verdadeira piada. Eu sou a piada....Comece a rir...vamos rir...(MUDA, TENSO) Sua mãe queria aulas de piano para você. "Uma menina difícil" ela dizia. Eu não tinha nenhum aluno naquela época. Estava sem dinheiro. Nos conhecemos num ônibus. Ela me pediu um cigarro. Eu não tinha. Ela puxou conversa em seguida. Poucos minutos depois marcávamos um encontro para logo mais a noite a fim de que eu fesse conhecer minha primeira aluna. Eu fui a casa dela. A sua antiga casa. Aquele apartamento quase vazio onde, ao contrário do que ela havia dito, não havia nenhum piano à vista. Ofereceu-me uma bebida. Senti-me na obrigação de aceitar. Ela então se serviu por mais uma vez. Sim, pois já estava embriagada quando me abriu a porta. Aquele sorriso berrante no rosto. e cabelo pintado. Aquele sorriso de deboche....Quando perguntei por você ela disse que não iria acordá-la....e apontou-me seu retrato sobre a mesinha onde um único abajur iluminava a sala. Foi então que ela abriu e reupã....estava nua.(JULIA COBRE O ROSTO COM AS MÃOS) E ela tentou...tentou várias vezes...Eu não conseguia fugir dela...e não conseguia satisfazê-la... nunca segui...com mulher alguma. Mas ela queria...ela insistia...ela gemia. Eu a empurrei com toda a delicadeza que ainda me restava...Ela à princípio se mostrou aborrecida, espumava de raiva e decepção...Depois riu...riu...não parava de rir. Ela ainda estava rindo quando...

JULIA: Pare! Pare! (HELIO TENTA SEGURÁ-LA) Não!!!

HELIO: Mas eu não terminei a minha história...você precisa me escutar...

JULIA: Não!!!

HELIO: Eu consegui desaparecer com a espátula de aço...lavei o sangue das mãos...mas não me separei nunca de seu retrato....



HELIO: Ele era meu guia... desde então segui você... desde o enterro, as investigações, até você vir morar com sua prima. Não foi difícil contar umas mentiras à D. Ofélia... qualquer coisa eu faria para estar certo que... (AGARRA-A SUAVEMENTE) Onde está Carla?

JULIA: Não sei nada... nada! (COMEÇAM A LUTAR, JULIA CONSEGUE AGARRAR UM OBJETO PESADO E DESFERIR UM GOLPE NA CABEÇA DE HELIO QUE CAI DESACORDADO, JULIA CAMINHA PELA SALA COMO UMA SONÂMBULA, TROPEÇANDO E ESBARRANDO EM TODA SORTE DE OBJETOS CÊNICOS) Carla!! Mãe... Carla!!! (JULIA ESBARRA NO CORPO DE HELIO QUE ACORDA DA LEVE PANCADA QUE SOPREU E AGARRA JULIA PELA PERNA DERRUBANDO-A NO CHÃO, GRITANDO ELA TENTA DESVENCILHAR-SE DELE) Assassine! Assassino!!!

HELIO: Tentei fazê-la parar de rir... creio que quase a suffoquei, tentando tapar-lhe a boca... não lembro se cheguei a bater nela... (AINDA MANTENDO JULIA PRESA JUNTO A SI) Mas... eu não a matei Julia... eu fugi antes que acabasse fazendo isso. Verdade não me faltou. Eu consegui odiá-la naquele momento... mas não matei sua mãe... alguém a matou depois que fugi pela porta que, na pressa, esquecera aberta... o verdadeiro assassino não entrou por ela depois e ninguém saiu de lá também... o assassino estava dentro. Eu ouvi os gritos dela, ouvi a música. *EU HAVIA ESQUECIDO AS PARTITURAS, E VOLTANDO* ... fiquei todo o tempo junto a porta na escuridão do corredor... você sabia disso? Mas eu não fiz nada. Permaneci imóvel. Eu não corri para acudir sua mãe... eu sentia naquele momento o desejo de ser quem a atacava de verdade. De certa forma eu a matei também...

JULIA: (DESPRENDENDO-SE DELE) Mãe dizia sempre a mesma coisa... sempre... "É hora de ficar bonitinha no seu quarto, mãe vai receber visita..." Era sempre assim, desde que papai morreu... sempre as mesmas músicas na eletrela, sempre aquele chameirão preto com flores amarelas berrantes... E ela... sempre serrindo na tranca do quarto... Eu podia escutar aquela chave velha sendo revirada na fechadura... e a eletrela estourando meus ouvidos a

(41)

JULIA: Noite inteira... Eu nunca conseguia dormir... nunca! Dormia na escada... às vezes no corredor... quando os vizinhos me acordavam rindo de mim, "a filha da viúva Alegre"... Uma noite ela esqueceu de trancar a porta... estava tão bêbada que esqueceu-se de mim... no quarto. Eu escutei a eletrola... aquela música horrível... e ela ria, gemia... arfava alto... eu quis tapar os ouvidos... mas sabia que poderia fazê-la parar... a porta não estava mais trancada. E eu abri... abri a porta... ela estava ali, no sofá da sala, em cima de um homem... Apenas um abajur vermelho iluminava tudo... ela se retorcia... e a chamele aberte... Eu voltei a fechar a porta do quarto... não queria ver mais... nunca tinha visto aquilo. Mãe nunca se trecara na minha frente, nem papai... eles diziam que a corpe da gente não era coisa para se mostrar a ninguém... Um dia mãe me bateu por ter entrado no quarto dela enquanto ela mudava de roupa... (MUDANDO, TRÊMULA, COM LÁGRIMAS NOS OLHOS) De repente, tudo parou... os gemidos, as risadas... somente a música... Eu abri a porta... eu queria que ela ficasse comigo... eu precisava dela... eu só tinha ela no mundo... e ela sempre me afastava, sempre... não me queria por perto... quando recebia os amigos de papai... (PAUSA) Ela estava ali... sozinha. Ainda tinha um ar de riso nos lábios vermelhos... E ela estava nua... abriu para mim... me chamou... queria me abraçar. Pela primeira vez não queria me bater... mas eu tinha medo dela... ela era tão feia... nua... eu queria abraçá-la mas não queria ver, não queria tocar aquela carne... cheirando a bebida... Ela me chamava e eu apaguei aquele maldito abajur vermelho... para não ver, para não ver mais... Ela me agarrou... ela começou a me puxar para ela... Caimos... minha mãe tocou em alguma coisa... me escore e eu cravei aquilo nela, nas costas dela... Uma, duas, 3 vezes... até que ela me largou... e caiu... Fugí para o quarto e me fechei de neve, foi quando olhei minhas mãos... sangue... dela... fui tropeçando até o banheiro e me lavei... tinha que lavar aquele vermelho dela... do abajur, do baton... eu queria eu precisava lavar tudo aquilo. Acordei quando a casa já es-

JULIA: Tava cheia de pessoas e policiais...que mexiam em tudo, cochichando a minha volta.

HELIO: Depois que os gritos de sua mãe cessaram eu ainda me mantinha ali... no corredor...nenhum vizinho apareceu, ninguém veio acudi-la... parecia que ninguém ligava para ela...nem para a música alta, nem seus gritos de socorro... Finalmente consegui me mover e entrar...tudo em trevas. Apenas uma fraca luz que passava por debaixo da porta do único quarto daquele pequeno apartamento...o seu. Revistei a cozinha, e banheiro, nada! Apenas o quarto...fechado! Creio que agora sei porque levei aquela espátula e a fotografia...eu naquele momento escondia um crime que eu mesmo poderia e talvez quisesse ter cometido...Agora sei como você devia ediar a sua mãe...!

JULIA: (COMPLETAMENTE CALMA) Eu amava minha mãe.

HELIO: Julia escute, você vai me dizer onde escondeu Carla...Quere que você me mostre...você mesma...Você não pode continuar..

JULIA: Ela está dormindo. (HELIO PERSEGUE JULIA QUE ESBARRA NA CORTINA DO QUARTO QUE SE ABRE; VEMOS CARLA CAIDA SOBRE UMA CADEIRA SEMI NUA COM UMA AGULHA DE TRICÔ CRAVADA NO PESCOÇO. HELIO PUXA A CORTINA NOVAMENTE. CAMBALEIA, COMPLETAMENTE TONTO)

HELIO: Carla não merecia isso...Ela não era como as outras...como sua mãe...ela foi diferente. Ela não riu de mim...ela compreendeu que eu não queria...não conseguia...conversamos...eu tentei previni-la...Ela não acreditou...ela se negou a acreditar, teve medo de mim...e fugiu...

JULIA: Vamos ter que escondê-la. Ela está tão feia ali. Você vai me ajudar, não é?

HELIO: Nós vamos à polícia....

JULIA: Não precisamos ir...por favor...Carla está bem, tudo está bem!

HELIO: Conseguirei um médico...você precisa de um médico...

JULIA: Eu preciso descansar, preciso dormir... (VAI PARA O QUARTO)

HELIO: Julia, Julia?? (JULIA VOLTA COM A AGULHA DE TRICÔ MANCHADA DE SANGUE NAS MÃOS, ENTREGA-A TRANQUILAMENTE A HELIO QUE HORRORIZADO SE VÊ IMPLICADO NESTE SEGUNDO CRIME)

JULIA: (QUASE SORRINDO) Quem vai cuidar de mim agora? (AS LUZES SE APAGAM)

CENA XVII - O MESMO APARTAMENTO, D. OFELIA E VASCO, ELA CAMINHA DE UM LADO PARA O OUTRO, VASCO ESTÁ SENTADO, TERRIVELMENTE ABAIADO, DESTRUÍDO.

OFELIA: E pensar que a pobre Carla corria tanto perigo... coitada era uma rica criatura...

VASCO: Ela era legal... (BAIXA A CABEÇA)

OFELIA: A gente nunca está segura onde vive, cruzes! Graças a Deus não temos mais o que temer. A justiça é tardia, mas nunca falha, o meu falecido marido já dizia... e ele era um homem bom, muito bom. Ele sempre acreditava na justiça...

VASCO: (ENGASGADO) É...

OFELIA: Como é possível uma pessoa tão pacata... tão boa... tão indefesa cometer dois crimes tão horríveis... se pode ser leucura... nunca entendi bem dessas coisas... Meu Deus...

VASCO: A senhora se muda hoje?

OFELIA: Sim, vamos nos mudar hoje...

JULIA: (ENTRA VESTIDA PARA SAIR, TRANQUILA, QUASE SORRINDO) Estou pronta... mãez!

(PAO)

F I M

Leha 79

